

Considerações sobre a mulher

POR ADÃO DE ASSUNÇÃO DUARTE

Em uma elegante exaltação à figura feminina, o autor relembra nomes consagrados daquelas que marcaram a história e reflete sobre “heroínas anônimas” que fazem contraditória a expressão que classifica a mulher como o “sexo frágil”

Seja alegórica, mítica ou simbólica, na história do paraíso bíblico, desde aquela remota época, já foi destacada a grande influência da mulher na vida humana e social.

Apesar de suas condições biológicas serem consideradas um tanto mais frágeis que as do homem, em alguns aspectos, a mulher supera o seu oposto, como é o caso, por exemplo, nos momentos das dores do parto. Por outro lado, a atividade, o treinamento e os exercícios dedicados podem levar, e levam, racional e cientificamente, a mulher a posições invejáveis. Isso nos mostram os inúmeros exemplos dos records olímpicos, das maratonas, dos diversos jogos e campeonatos.

Às vezes, chega a se exceder em modas e modismos, usos e costumes, mas com isso ela quebra barreiras e produz um colorido multiforme e modificador à sociedade de que faz parte, evitando o comodismo estacionário e a rotina entediante.

A história, entretanto, mostra-nos, inúmeras vezes, a mulher desempenhando importantes tarefas e significativos trabalhos, projetando-se na vida dos povos e das civilizações. Se se nota a mulher a partir da tarefa e missão de Eva, do Gênesis bíblico, verifica-se na Bíblia um desfile de nomes de destaque e de exemplos marcantes de vida, como foram Sara, Ester, Judite, Rute, Izabel, as irmãs Marta e Maria, a sogra de Pedro, Verônica, Madalena e, sobretudo, Miriam ou Maria de Nazaré – o silêncio ativo que gerou o Verbo, como Mãe de Jesus.

Entre outros povos, surgiram Golda Meir, em Israel, Indira Gandhi, na Índia, Rosa Luxemburgo, polonesa, Elizabeth(s) e Margareth Thatcher,

na Inglaterra, Santa Tereza de Ávila, na Espanha, Evita e Isabelita Perón e, tempos depois, Cristina Kirchner, argentinas, Maria Quitéria, Madre Joana Angélica, Princesa Izabel, Rosa Palmeirão, Olga Benário Prestes, etc, no Brasil. Todas elas agindo, lutando e atuando na política, filosofia, administração, educação e outras áreas.

Notáveis

Na ciência, lembro-me como exemplo apenas Madame Curie, perseverança ativa e eficiente na pesquisa. Na área filosófica, deve-se memorar a contribuição marcante de Annie Besant e Helena Petrovna Blavatsky e de Madre Tereza de Calcutá. Na literatura, como se sabe, a mulher sempre se destacou e teve projeção notável, bastando lembrar Madame de Stael, Gabriela Mistral (notável poetisa chilena) e as brasileiríssimas Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Lígia Fagundes Teles, Dinah Silveira de Queiroz, Cora Coralina e Zélia Gattai.

Atualmente, há diversos nomes de valor e de muita influência nos meios culturais, principalmente na literatura, no teatro, na música, no cinema e, também no ensino, nos meios operários, sindicais e estudantis. Quem não possui seu cantor, sua cantora, seu artista, seu escritor ou escritora de preferência ou de admiração?

Na área do Poder Executivo, a professora Ester de Figueiredo Ferraz foi a primeira mulher a ser ministra da Educação no Brasil, enquanto Dorothea Werneck foi a primeira ministra do Trabalho em nosso país. Destacam-se, ainda, Irmã Dulce e Carmen Prudente, na área de obras sociais. Maria

Ester Bueno, a notável tenista, Hortência, Paula e Izabel, no basquete, e na ginástica olímpica, Luíza Parente, Daiane dos Santos, Laís de Souza, Daniele Hypólito, Camila Comin e Jade Barbosa, grande revelação brasileira da ginástica artística nos Jogos Pan Americanos de 2007.

Beleza pura na ginástica rítmica e nas equipes brasileiras de nado sincronizado e a nobre atuação do futebol feminino, encantando a todos. Todos esses exemplos esportivos femininos do Brasil, seu belo trabalho e forte desempenho, elevaram o nome e o valor da mulher brasileira. Isso sem falar nos concursos de beleza, nos programas que, na televisão, elevam as qualidades e a beleza da mulher, dando-lhe maior projeção e valor.

No comando

Uma área em que despontou a mulher nos últimos anos foi a do Judiciário: cresceu enormemente o número de advogadas, promotoras, procuradoras, assessoras, juízas, desembargadoras, ministras de Tribunais Superiores, sendo que a excelentíssima senhora doutora Ellen Gracie foi a primeira mulher presidenta do Colendo Supremo Tribunal Federal (STF), já havendo ali outra ministra além dela, enquanto no Superior Tribunal de Justiça (STJ), já há mais de uma mulher ministra.

Cresce mais e mais o bom desempenho da mulher nos concursos públicos, em geral, e nos jurídicos, em particular, superando muito os homens. A tendência é a mulher continuar crescendo nesse campo. E poderá ir mais longe, se não ficar querendo ser mais que tudo. Poderá contribuir para tornar menos moroso e mais eficiente o Judiciário em todas as áreas.

No campo político e legislativo,

aumentou a participação da mulher, mas é necessário que nessas áreas ela cresça mais e mais. Observadas as filiações partidárias para candidaturas em 2007, visando as eleições municipais de 2008, grande dificuldade foi atingir o percentual legal mínimo de vagas femininas em cada partido (30%, por exemplo). Uma área que precisa ser modificada, com mais e melhor atuação da mulher para equilibrar melhor o barco político-legislativo.

Força feminina

Em geral, a mulher atua muito bem nas fábricas, nas escolas, nas pesquisas, no Projeto Rondon e similares, no lar, na cozinha, no escaudante sol do sertão agrícola, muitas vezes com ínfimo salário ou sem ele. Ajudantes, auxiliares, balconistas, tecelãs, etc trabalham com sobrejornada marcante, nem sempre remunerada. A doméstica, por exemplo, foi discriminada tendo menos “direitos” que outras trabalhadoras e, ultimamente, pela atuação da Justiça do Trabalho, foram “aparecendo” mais direitos para a doméstica.

De uma forma ou de outra, mulheres pobres, trabalhadoras comuns, domésticas sérias, etc são heroínas anônimas, vítimas do nosso sistema, que não lhes oferece uma participação ativa e constante nos processos decisórios. Elas ficam à mercê da roda capitalista do sistema, mesmo após o governo daquele que, vindo da área sindical, dava-nos a impressão de que seria um governo mais dos trabalhadores...

Pelo que se verifica, entendemos que a mulher precisa e deve avançar mais, participar melhor, agir mais do que se omitir, em busca de maior equilíbrio e progresso social, moral, ético, político,

“(...) a mulher precisa e deve avançar mais, participar melhor, agir mais do que se omitir, em busca de maior equilíbrio e progresso social, moral, ético, político, econômico, administrativo, filosófico, educacional e cultural”

econômico, administrativo, filosófico, educacional e cultural. Em sendo assim, ela deve lutar, sem arrogância, sem violência, até mesmo para combater a badalada violência urbana que amedronta a todos nós.

Assim agindo e assim alcançando, talvez mulher e homem se melhorem cada vez mais, aperfeiçoando mais e mais as condições de vida do ser humano, da sociedade, de nossas instituições e até de nosso governo, já que foi o que pregou a ética na política. Falava-se em um governo diferente dos outros, mas, ao assumir, jogou toda a sua pregação embaixo dos tapetes e passou a mostrar quem verdadeiramente era, enlameando-se nos mensalões, nas sanguessugas, nos cartões corporativos, no uso vergonhoso da máquina administrativo-governamental para fins político-eleitorais. Tudo azeitado por uma grande propaganda enganosa, informações exageradas e tráfico de influência por meio da liberação de emendas e mais emendas no momento que bem quer... Por isso que o castigo veio feroz através da dengue, quando ele sempre dizia que a saúde no país estava próxima da perfeição... ★

Adão de Assunção Duarte é Juiz Federal aposentado e professor da Universidade Católica de Salvador (BA).